

## Arte, performance e rua

Maria Beatriz de Medeiros<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto trata de arte nas ruas, performance nas ruas. Ambos entendidos como *fuleragem* (sic), como o duro, ou *ex situ*, por oposição ao doce, ou *in situ*. O espetáculo *Mar(-ia-sem-ver)gonha* do grupo Corpos Informáticos norteia a reflexão.

**Palavras-chave:** arte, rua, *fuleragem* (sic), Corpos Informáticos

**Abstract:** The present paper discusses art made on the streets and street performance. Both understood as "fuleragem", word from Brazilian slang "fuleiro", purposefully misspelled by the artists on the Group implying worthless, cheap, corny, tacky, junky. Like the hard, *ex situ*, in opposition to the sweet, *in situ*. Corpos Informáticos performance *Mar(-ia-sem-ver)gonha* will guide the reflection.

**Key-words:** art, street, *fuleragem*, Corpos Informáticos

Arte não cabe em caixinhas, não cabe em galerias, não cabe em prêmios nem em editais (*in situ*). Arte é reflexão, inflexão, proposição e até despacho. Ela escolhe, não se fixa nas paredes. Não tem moldura nem prego que a segure. A moldura é dura, mas também é doce e obedece, chiclete.<sup>2</sup> O prego fere e deixa marcas na parede, mas não nos corpos. Nestes deixa afetações.

Os espaços institucionalizados de e para a arte são como molduras, prendem e a separam dos ventos que rondam. O que está separado fica parado no prato servido. Os olhos comem, mas não ousam cheirar ou se debruçar. Os olhos só veem. E como ver se tornou tudo em nossa sociedade, inclusive bastando a si mesmo, muitos crêem que ver, basta. Muitos compram revistas de mulheres nuas e se satisfazem crendo possuí-las. Compram carros só por que vêm com músicas e mulheres invisíveis. Passam batom usando o celular como espelho; se penteiam nos elevadores acreditando fazer diferença esse ou aquele fio de cabelo para o lado de lá.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora 1C do CNPq, Professora na Universidade de Brasília, coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. [mbm@unb.br](mailto:mbm@unb.br)

<sup>2</sup> O conceito de "doce/duro" é emprestado de Michel Serres (1985).



*Saltos ornamentais. Pintura e detalhe de moldura (fita crepe diretamente sobre parede e nanquin). Camila Soato. 78/57 cm. 2011.*

Arte que compõe com espaços institucionalizados é boazinha, comportada e obediente. Os pais gostam e até mimam. Levam suas crias para passear em bienais internacionais e os deixam dormir mais tarde, pois já terminaram suas tarefas da escola. Aprenderam que um mais um são dois e que exceção se escreve com “xc” e “ç”, e deve ser evitada. A exceção pode incomodar exatamente por essa esdrúxula ortografia.

E arte que saiu da galeria (*ex situ*)? Fugiu de casa, deixou a escola, foi aprender na rua que um mais um pode ser Chernobyl ou Fukushima. Pode ficar vazando por anos sem que ninguém comente, as autoridades se pronunciem e a população morra vítima de radiação surda e truculenta. Descobriu que exceção, exatamente por ser exceção pode ser excessão, exceção, e-sessão, ex-cessão, esse são, aquele doente, dente sem canal, canal sem água, água reconstituída e memória de poluição. Você acredita em homeopatia?



*Espetáculo Mar(ia-sem-ver)gonha. Trecho Mulher Invisível. Corpos Informáticos, Brasília, 2009. Diego Azambuja e iterator.*

Arte que saiu da galeria, deixou os museus, não é nova. Data dos loucos, machistas e progressistas futuristas que queriam “destruir os museus, as bibliotecas, as academias de todo tipo, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária” e “exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, a velocidade, o salto mortal, a bofetada e o murro”. (F.T. MARINETTI, Manifesto Futurista, 1909)<sup>3</sup>. Muitos os seguiram nos rastros de destruição deixados pela 1ª Guerra, dita Mundial. Os dadaístas nos interessam mais.

O cubismo constrói uma catedral de patê de fígado artístico. Que faz DADA?

O expressionismo envenena as sardinhas artísticas. Que faz DADA?

O situacionismo está ainda na sua primeira comunhão artística. Que faz DADA?

O futurismo quer subir em um lirismo + elevador artístico. Que faz DADA?

[...]

Que faz DADA?

[...]

Dada é a amargura que abre seu riso sobre tudo que foi feito construído consagrado esquecido na nossa linguagem no nosso cérebro em nossos hábitos. Ele vos diz: Eis a Humanidade e as belas besteiras que a tornaram feliz até a idade avançada

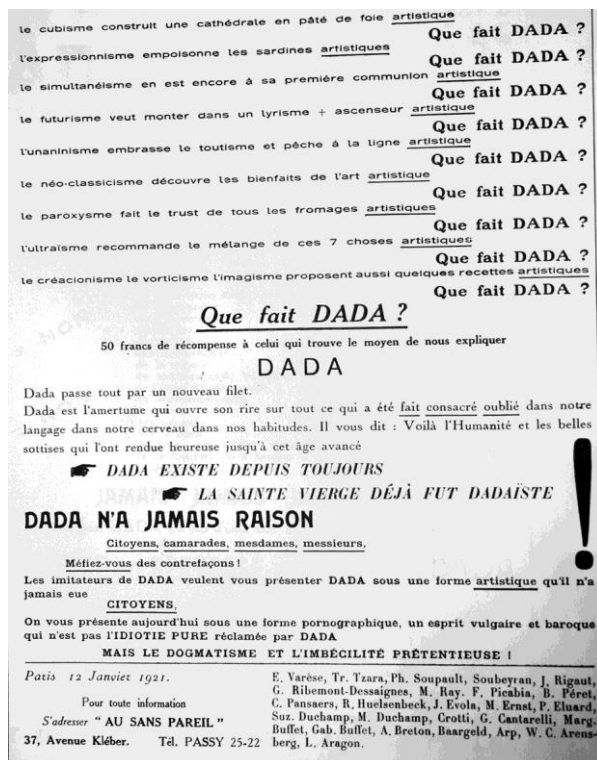
DADA EXISTE DESDE SEMPRE

A SANTA VIRGEM JÁ ERA DADAISTA

DADA NUNCA TEM RAZÃO<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Disponível em [www.historiadaarte.com.br/futurismo.html](http://www.historiadaarte.com.br/futurismo.html)

<sup>4</sup> Panfleto *DADA SOULÈVE TOUT*. Paris, 12 de janeiro de 1921. Assinado por E. Varèse, Tr, Tzara, Ph. Soupault, Soubeyran, J. Rigaut, G. Ribemont-Dessaignes, M. Ray, F. Picabia, B. Péret, C. Pansaers, R. Huelsenbeck, J. Evola, M. Ernst, P. Eluard, Suz. Duchamp. M. Duchamp, Crotti, G. Cantarelli, Marg. Buffet, Ga. Buffet, A. Breton, Baargeld, Arp, W. C. Arensberg, L. Aragon. Apud POUPARD-LIEUSSOU & SANOUILLET, M. (1974). Livre tradução da autora. Foram respeitadas as maiúsculas e as pontuações.



*Panfleto dadaísta*

Sim, interessa abrir o sorriso, como fizeram, também, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p. 32) afirmando: “Demos a ele uma forma circular, mas isto foi feito para rir”. A forma circular também interessa, mas preferimos labirintos.

Arte que vai para a rua, se distrai e caminha como os errantes. Não tem percurso nem roteiro. Se o tiver o perde, se for aberta ao público e não só teatro. Teatro de rua é teatro, fala unidirecional, tal qual a televisão que nos deixa presos nos sofás, inertes, puro lixão onde se derramam sons e imagens que convidam apenas a ver e a se calar. Arte que fugiu de casa, deixou a escola, foi aprender na rua, aprendeu que precisa ser aberta à participação do que não mais chamaremos de público. Ela é aberta aos *iteratores*.

Uma iteração abrange as atividades de desenvolvimento (de um software) que conduzem à liberação de um produto – uma versão do produto estável e executável, junto com qualquer outro elemento periférico necessário para usar esse release. Portanto, uma iteração de desenvolvimento é de certa forma uma passagem completa por todas as disciplinas: pelo menos Requisitos, Análise & Design,

Implementação e Teste. É como um pequeno projeto cascata em si mesmo.<sup>5</sup>

Iteração é repetição do processo, mas esta repetição é entendida como reformulação, reinvenção, reformulação. São *iteradores* aqueles que participam ativamente de um processo proposto, porém, não tendo *a priori* um resultado definido, um tempo previsível de duração, um espaço fixo de realização.

Podemos dizer com Jacques Derrida (1972), criticando J. L. Austin, que, uma vez que não há contexto fixo e correto ou apropriado para qualquer palavra e, portanto, nenhuma normalidade, há sempre parasitas e a possibilidade de insucesso: *infelicities*. Um contexto normal não pode ser determinado. Logo, não há regras para atos de linguagem. Expandindo, entendemos que na arte de rua não havendo um contexto fixo e prevendo-se parasitagem, teremos sempre iteração, uma repetição sempre outra. Daí resulta a necessidade da prática do improviso, do desvio, a abertura à participação do iterator e/ou seu silêncio. Os transeuntes se acostumaram ao silêncio. Para retirá-los desse lugar do consumidor passivo, há necessidade de sinais nomadizantes. Arte de rua é sinal nomadizante.

Os sinais nomadizantes diferem dos sinais normatizantes: Pare! Entre e compre agora! Não desligue! Você não pode perder!

Queremos prosseguir, não queremos entrar, detestamos comprar, alugar. Queremos pedir emprestado. Queremos desligar, mudar de canal, atravessar o canal de barco ou a nado. Queremos perder, desviar, assobiar, andar como crianças, gastando os sapatos de propósito. O que há? Pôr-do-sol, cheiro de goiaba, vento e maresia. Show de jazz de graça na praça, e seu olhar no meu cangote.

As cidades estão prenas de sinais normatizantes. Onde encontrar o desvio? É preciso ir de bicicleta para encontrá-lo? De bicicleta, nas cidades brasileiras, tudo é sinal nomadizante: as calçadas estão todas esburacadas, os imprevistos são inúmeros, as pessoas sorriem para você, se preocupam para que não caia. Ou, vá a pé! E aí, se dê o direito de ser arte, parte, paisagem. Sim, é necessário se dar o direito de ser paisagem, dar um tempo. Como diria Bernard Stiegler: se dar tempo. Ser instante, singular, imprevisível. Se vestir diferentemente e deixar o policial inscrever na sua multa: “roupas em desalinho”. Ser cicatriz, não de cirurgia ou tatuagem.

---

<sup>5</sup> Disponível em: < [www.wthreex.com/rup/process/workflow/manageme/co\\_phase.htm](http://www.wthreex.com/rup/process/workflow/manageme/co_phase.htm) > Copyright (c) 1987 - 2001 Rational Software Corporation

Deixar o acaso penetrar os movimentos e permitir iteração. Inscrever a memória do tombo, dos tombos. Escrever o tombo da memória.

Em que se transforma o arquivo quando ele se inscreve no próprio corpo? (DERRIDA, 1990, p.8)

Performance de rua inscreve, escreve, escorre no corpo da cidade para aí deixar sua cicatriz. Sinal nomadizante que torna possível uma dimensão poética. Cesura, ruptura, debate. Pensamos no espetáculo do Grupo Teatro que Roda, *Das saborosas aventuras de Dom Quixote de La Mancha e seu fiel escudeiro Sancho Pança*, dirigido por André Carreira, apresentado no Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto, SP, 2009. A população discutia vivamente e até ficou com medo da polícia, quando o muito falso carro de polícia prendeu Dom Quixote e o levou algemado: “Ele só estava fazendo teatro”, diziam em defesa de Dom Quixote, misturando ficção e realidade. Pensamos também no espetáculo *Mar(ia-sem-ver)gonha*, do Grupo Corpos Informáticos, apresentado em Brasília (rua: Museu da República, Rodoviária do Plano Piloto, Feira da Ceilândia e Teatro SESC Garagem) e em Goiânia (Parque Vaca Brava e Praça do Sol).<sup>6</sup>

Torna-se difícil enquadrar *Mar(ia-sem-ver)gonha* em alguma categoria das artes cênicas, mesmo que ela tenha tomado o palco como espaço *in situ*. Performance demarcada? Peça teatral sem enredo, sem *script*? Um retorno aos *happenings* de Allan Kaprow? Homenagem aos brincantes populares, alegres personagens das ruas do Brasil? *Mar(ia-sem-ver)gonha* se esquivava de definições. É flor, é rizoma, frágil e forte, criança e intelectual. Não atrai abelhas, e sim uma mosca. [...] Os pedestres estranhavam, procuravam entender. Perguntavam o que significava, se era um culto, uma seita, um protesto. Alguns foram picados pela mosca e a aproveitaram, sem amarras. (TINOCO, 2011, p. 99)

---

<sup>6</sup> Prêmio Artes Cênicas na Rua, FUNARTE, 2008/2009. Trabalho do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. Alexandra Martins, Camila Soato, Diego Azambuja, Fernando Aquino, Jackson Marinho, Luara Learth, Márcio Mota, Maria Eugênia Matricardi, Mariana Brites. [www.corpos.blogspot.com](http://www.corpos.blogspot.com)



*Espetáculo Mar(ia-sem-ver)gonha. Corpos Informáticos, Goiânia. Praça do Sol, 2010.*

Para ser verdadeiramente arte *ex situ*, fora dos espaços institucionalizados, a brincadeira, a performance, não deve nem ser anunciada como arte. Quando se declara algo obra de arte, o espectador é motivado a colocar o objeto artístico em uma classificação inibidora, ligada à arte dos museus, elitizada, fria e ar condicionado. “Favor não tocar”. Em vez da redoma simbólica criada pela pura afirmação de que o que se tem é arte, o Corpos Informáticos chama para o jogo. O jogo inverte a institucionalização, questiona o mercado de arte, dilui a posição enrijecida de esteticistas, críticos e historiadores.

As pessoas vivem uma grande miséria simbólica: elas não têm mais *experiência* estética. A estética se tornou o braço armado do condicionamento do consumo, [...] incompatível com a experiência do sensível. (STIEGLER, 2007, p. 35 e 36)

A arte é feita de membranas mais ou menos dispersas, retalhos e costuras. Corpos Informáticos se (in)dispõe no trânsito dos fluidos que vazam pelos pontos não suturados dos processos deformantes irremediáveis e isto em movimentos aleatórios gerados por forças intermoleculares, por vezes insignificantes, infidelidade. A infidelidade da Santa Virgem.

O que dura é duro, dura no tempo como afetação, marca nomadizante capaz de sopro, grito. O duro clama pelo tato, faz abrir as membranas úmidas, absorve pelos poros, suga pelo útero. A C<sub>12</sub>H<sub>22</sub>O<sub>11</sub> (fórmula molecular da sacarose) homogênea, destrói, prega. Balas, chicletes e pirulitos para o desejo forjado. Guerra contra a pamonha, o cuscuz, o biscoito amor-perfeito de Natividade (TO), o doce de jiló de Goiás, o tacacá, a pitanga e o tesão. O elemento frutose é circulação. A fruta, performance de rua, considerada elemento de resistência, dura e doce, doce

e dura, faz sentir a múltipla face de guerras, dorme tranqüila e anda devagar. Mas ainda existe, como a fruta na natureza, como uma carícia cotidiana, uma cicatriz na orelha, dentro do povo, no seio das cidades?

Performance não é dança, nem teatro, arte visual ou música. Ela é fruta que escorre pelas bordas dos lábios das gentes cansadas de hábitos, de bons hábitos, cansadas de açúcar, de doce, cansadas de códigos, de bofetadas e murros, de sinais normatizantes e de semiótica. A performance, tomando emprestado termo de Michel Serres (1985), é o duro.

Para o Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP, de 2009, escrevi com Maicyra Leão, Marta Mencarini e Larissa Ferreira sobre a arte contemporânea como traição:

A arte contemporânea que não consegue ser conceituada por teóricos, críticos, historiadores da arte, aquela que é heterogênea, múltipla, diversa, dispersa, que foge das regras, normas e bordas, pode ser fidelidade às tendências, às instituições legitimadoras, fidelidade ao mercado, enfim, uma fidelidade capitalista. Pode também ser traição. E é esta arte que nos interessa, isto é, a arte contemporânea como traição. *Tragam suas traíras!*

A obra aberta (ECO, 2008) é obra-traição que deseja ser descoberta. A relação com o público é de revelação, sujeitos fruem desvelando algum sentido (dado pelos sentidos e pelo conhecimento). Mas o sentido estará sempre encoberto, ainda que algum véu tenha sido retirado. A traição na arte contemporânea carrega a multiplicidade (alguns dirão sígnica e outros dirão cínica) que se presentifica em possibilidades heterogêneas, caminhos divergentes. Possibilidades que são descobertas quando se encobrem outras em que, por mais nua que seja a suspeita da verdade, haverá sempre rastros de outras traições camufladas. Signicamente e cinicamente, a arte contemporânea trai o público, confunde, para que o segredo permaneça.

Hoje, o Corpos Informáticos incluiu a (re)flexão *fuleira*. A *fuleragem* (sic) mente, engana e trai: cabe em galerias, em prêmios, ganha editais e até escreve livros. Arte e principalmente performance, e performance com tecnologia, trata, maltrata e distrai e destrói a tecnologia. Isto é, usa-a no sentido inverso de sua positividade técnica. Infidelidade. E a primeira técnica traída é a linguagem, aquela vazia, repetida, cheia de palavras



engessadas que repetem e se repetem indefinidamente, perdendo o sentido e principalmente os sentidos, os 11 sentidos<sup>7</sup> e o sentido.

Performance: grito infiel expelido direto das vísceras para o oco do espaço, capaz de viagem no tempo. Encontrar o espaço da infidelidade exige um se sentir não turista, não olhar, penetrar, não chupar chiclete, morder a fruta toda e deixar as sementes pularem para os buracos de vazamento da cidade.

Hoje em dia, a ideologia se revelou pura utopia. Aliás, a ideia é mesmo da ordem da *ideia* e lá permanece, não se vincula com a vida desviada da linguagem morta, aquela da ideologia, envolta em seriedade e drama.

A arte dita politicamente correta não é de fato política, pois a verdadeira política não tem objeto. É arte? E a arte tem objeto? As obras autobiográficas, as montanhas de autorretratos atendem a um discurso freudiano raso, pouco, velho. Diremos mesmo arcaico. O outro do arcaico é a carícia, sendo ambos o mesmo, isto é, apenas letras que insistem em brincar de jogo das cadeiras. Há ainda o craiaco, a acírica, o cacairi e a traíra.

Traíra (var. de *taraíra* tupi, *tare'ira*; outras var.: *taraíra*, *tarira*) peixe teleósteo da família dos caracídeos. Seus dentes são muito cortantes, é carnívoro, considerado um dos maiores inimigos da piscicultura. Bras. chulo: o pênis. (Dicionários diversos)

O Grupo Corpos Informáticos pesquisa a capivara, se interessa pela ornico-fagia efetuada em hordas, joga guileta, baleba, bilosca, biloca, bila, birosca, bolita, bugalho, búraca, búrica, bute, cabiçulinha, clica, firo, guelas, peteca, piroasca, ximbra, filistrinho, boleba, bolega ou bola-de-gude,<sup>8</sup> pula corda e pensa os gases, ou melhor, a possibilidade de uma eletricidade gasosa.

O te-ato do Oficina Uzyna Uzona quer antropofagia e o bárbaro tecnologizado eletro-candomblaico. Ronald Duarte, Luiz Andrade, Alexandre Vogler, Simone Michelin, Romano e outros artistas defumam as cidades a partir de um caminhão com toneladas de incenso ou botam fogo nos trilhos do bondinho de Santa Tereza, no Rio de Janeiro.<sup>9</sup> O Coletivo

<sup>7</sup> Onze sentidos é uma provocação do Corpos Informáticos. A cada um de descobrir seus onze.

<sup>8</sup> Referência à exposição *Guileta, baleba, bilosca, biloca, bila, birosca, bolita, bugalho, búraca, búrica, bute, cabiçulinha, clica, firo, guelas, peteca, piroasca, ximbra, filistrinho, boleba, bolega ou bola-de-gude* realizada por Corpos Informáticos na galeria da FAV-UFG, Goiânia, 2010.

<sup>9</sup> Disponível em : <www.ronalduarte.com>.

Filé de Peixe vende DVDs piratas do Corpos Informáticos.<sup>10</sup> Rose Boaretto oferece casas aos sem teto nas cracolândias.<sup>11</sup> Opavivará propõe a *Moita*.

A arte não está na utopia, porque a utopia não se realiza. A arte se realiza, Zé Celso dança nu no Planalto Central.<sup>12</sup> Muitos o acompanham, outros permanecem vestidos. Corpos Informáticos realiza, ele não quer atingir nada além de suas “unhas defeitas”.<sup>13</sup> Ele não tem objeto, é pura feitura, ação mixuruca.

Com a performance tornando-se tema de exposições (Marina Abramovic no Museum of Modern Art, MOMA, e *100 years: a history of performance art* no PS1 em Nova York simultaneamente, em 2010) e se tornando institucionalizada, sua efemeridade se submete à consagração. É necessário pensar novas infiltrações: não mais diremos que nossas performances são efêmeras, diremos que são mixurucas, deslizam vadias entre os vãos absorventes. Na seca, sopram poeira e a mosca zune. Na praia, jogam frescobol. Na rodoviária, se deitam no chão de cimento coalhado de chicletes que “ganharam o privilégio do abandono.” (Manoel de Barros, 2001). Em Goiânia, a vaca é brava para a mar(ia-sem-ver)gonha.

### **O catador**

Um homem catava pregos no chão.  
Sempre os encontrava deitados de comprido, ou de lado, ou de joelhos no chão. Nunca de ponta.  
Assim eles não furam mais - o homem pensava.  
Eles não exercem mais a função de pregar.  
São patrimônios inúteis da humanidade.  
Ganharam o privilégio do abandono.  
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar pregos enferrujados.  
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.  
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.  
Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.  
Garante a soberania de Ser mais do que Ter.

<sup>10</sup> Disponível em: < [www.coletivofiledepeixe.com](http://www.coletivofiledepeixe.com)>.

<sup>11</sup> Referência à performance *Tomara que não chova* realizada por Rose Boaretto, no evento: Performance: corpo, política e tecnologia (edital Cultura e Pensamento, MINC/Petrobras), Brasília, 2010.

<sup>12</sup> *Dionisíacas*. Tea(t)ro Oficina. Esplanada dos Ministérios. 27 a 30 de maio de 2010.

<sup>13</sup> Referência às performances de rua *Unhas Defeitas*, por Bia Medeiros. Brasília, Uberlândia, Anápolis, Rio de Janeiro, Nova Iorque.

O Corpos Informáticos quer fazer, quer ousar, deitar-se e ouvir, pelos dedos, arte: Aidana Rico Chauvet e Ignacio Pérez Pérez, Laurie Anderson, Chelipa Ferro, João Matos, Lucio Agra, Maicyra Leão, Zmário. Equilibramo-nos no meio dos buracos do asfalto, plantamos árvores e é preciso regá-las, adubá-las, mas também podá-las, cheirá-las e equilibrá-las, deixá-las sentir tesão. Como se configura o tesão das pitangueiras?

A arte, a nossa, não tem objeto e mentimos muito, enganamos. A política não tem objeto. A performance não tem objeto. A cultura tem objeto, inclusive a cultura imaterial. E faz dela o que bem sabe fazer a sociedade hiperindustrial: consumo, com-sumo, com ela sumo; consome, com-some, com tudo some.

E eis os lixões, escondidos em cima das camadas de famintos, fedidos e violentos, anímicos, porque fora da linguagem, pura desordem, talvez arte e muita fuleragem (sic). A Santa Virgem já era pura fuleragem.

### Referências bibliográficas

- BARROS, Manoel de. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: editora 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Paris : Galilée, 1990.
- \_\_\_\_\_, *Marge de la philosophies*. Paris: Minuit, 1972.
- FERREIRA, Larissa ; LEÃO, Maicyra; MEDEIROS, Maria Beatriz ; MENCARINI, Marta. A arte contemporânea como traição. Ou tragam suas traíras! In *Anais do 18º Congresso da ANPAP*. Salvador, 2009. Disponível em [www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpa/maria\\_beatriz\\_de\\_medeiros.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpa/maria_beatriz_de_medeiros.pdf)
- POUPARD-LIEUSSOU & SANOUILLET, M (org.). *Documents DADA*. Paris / Genebra: Weber & Jacques Lecat, 1974.
- TINOCO, Bianca. A vida e a vida de Mar(ia-sem-ver)gonha. In Aquino, Fernando & Medeiros, Maria B. (org.). *Corpos Informáticos. Cidade, corpo, política*. Brasília: editora do PPG-Arte/UnB, 2011.
- SERRES, Michel. *Os cinco sentidos*. Paris: Grasset, 1985.
- STIEGLER, Bernard. *Reflexões (não)contemporâneas*. Tradução e organização Maria Beatriz de Medeiros. Chapecó (SC): Argos, 2007.



*Komboio. Performance e composição urbana.  
Corpos informáticos. Exposição Aberto Brasília, CCBB, 2011.*